ISSN: 2358-8829

A EDUCAÇÃO FÍSICA MUSICALIZADA PARA CRIANÇAS COM TEA EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE CABEDELO – PB

Karyne Medeiros Oliveira de Sousa

Universidade Estadual da Paraíba -UEPB. karyne.m@aluno.uepb.edu.br

INTRODUÇÃO

A Educação Física na Educação Infantil constitui um espaço privilegiado para experiências que envolvem o corpo, o movimento, a ludicidade, a interação e a expressão. Por meio de brincadeiras, jogos e atividades corporais, as crianças exploram o ambiente, constroem relações e vivenciam diferentes possibilidades de aprendizagem. Quando articulada à música, essa área pode ampliar as formas de participação nas experiências pedagógicas, integrando ritmo, sons, gestos, deslocamentos e expressão corporal.

No contexto da educação inclusiva, o planejamento dessas experiências exige reconhecer que as crianças apresentam características, interesses, necessidades e modos de comunicação distintos. No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as oportunidades de participação precisam considerar as singularidades de cada participante, evitando que a inclusão seja compreendida apenas como presença física no espaço escolar. É necessário construir situações educativas acolhedoras, acessíveis e flexíveis, nas quais diferentes formas de envolvimento sejam reconhecidas.

A música, compreendida como recurso pedagógico intencional, pode contribuir para organizar sequências de ações, antecipar momentos da rotina, estimular a exploração corporal e favorecer experiências compartilhadas. Não se trata somente de inserir canções como acompanhamento ou entretenimento, mas de planejar atividades em que os elementos musicais participem da construção da experiência motora, expressiva e relacional. Cantigas, jogos rítmicos, brincadeiras cantadas e atividades com objetos podem oferecer caminhos variados para que as crianças explorem o movimento e interajam com o grupo.

A fundamentação desta pesquisa aproxima-se da perspectiva psicogenética de Henri Wallon, para quem o desenvolvimento infantil envolve a integração entre movimento, afetividade e inteligência. Essa compreensão contribui para olhar para as experiências corporais para além do desempenho motor, considerando também as emoções, os vínculos e as relações estabelecidas pela criança com as pessoas e o ambiente (WALLON, 2007).

CamScanner

ISSN: 2358-8829

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo analisar como a Educação Física musicalizada pode contribuir para o desenvolvimento motor e socioafetivo de crianças com TEA, por meio de intervenções pedagógicas na Educação Infantil, em uma perspectiva inclusiva. Como objetivos específicos, busca identificar possibilidades da proposta como prática inclusiva, observar formas de participação e respostas às experiências e elaborar um Guia Pedagógico Interativo que possa apoiar o planejamento de aulas de Educação Física musicalizada na rede pública de Cabedelo–PB.

A relevância do estudo está relacionada à necessidade de ampliar as possibilidades de participação das crianças com TEA nas experiências da Educação Física escolar e de produzir recursos pedagógicos que dialoguem com a realidade dos professores. O trabalho considera que as práticas inclusivas demandam intencionalidade, observação, disponibilidade para rever estratégias e respeito aos diferentes modos pelos quais cada criança participa de uma experiência coletiva.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de campo e interventiva, pois foi desenvolvida no contexto real de uma instituição de Educação Infantil e envolveu a realização planejada de experiências pedagógicas. O estudo ocorreu na Escola Municipal João Roberto Borges de Souza, localizada no município de Cabedelo, Paraíba, com a participação de cinco crianças com diagnóstico de TEA matriculadas em uma turma da Educação Infantil.

O percurso foi organizado em cinco intervenções de Educação Física musicalizada, planejadas e desenvolvidas em sequência. Os conteúdos contemplaram: (1) atividades rítmicas e expressivas; (2) circuito motor musicalizado; (3) brincadeiras cantadas; (4) jogos cooperativos musicalizados; e (5) vivência musical integrada, com retomada de elementos explorados anteriormente. As propostas combinaram experiências no chão e em pé, exploração de objetos, deslocamentos, gestos, desafios motores e momentos de interação coletiva.

As aulas foram estruturadas com uma rotina previsível, incluindo acolhimento e organização inicial, desenvolvimento das atividades e momento de encerramento ou volta à calma. A música esteve presente como mediadora das experiências, por meio de canções, faixas instrumentais e brincadeiras musicais selecionadas de acordo com os objetivos pedagógicos. A organização das propostas foi flexível: quando as crianças demonstravam interesses ou formas de participação diferentes das previstas, as atividades eram adaptadas para preservar o envolvimento e respeitar suas possibilidades.

CamScanner

ISSN: 2358-8829

A produção dos dados envolveu registros escritos das experiências pedagógicas e registros audiovisuais autorizados, incluindo fotografias e vídeos. A análise qualitativa considera as manifestações observadas durante as intervenções, com atenção à participação, ao movimento, à expressão corporal, à interação, à comunicação verbal e não verbal, ao envolvimento com a música e à necessidade de mediação. Os acontecimentos são considerados em seu contexto, sem reduzir a participação infantil à reprodução exata de movimentos ou instruções.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e recebeu parecer favorável nº 8.419.219, CAAE nº 94048725.9.0000.5187. Foram observados os procedimentos éticos relativos à pesquisa com crianças, incluindo esclarecimento aos responsáveis, consentimento, consideração do assentimento conforme as possibilidades de compreensão das crianças e proteção da identidade dos participantes. Os registros de imagem foram tratados conforme as autorizações obtidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do desenvolvimento infantil adotada neste estudo dialoga com a perspectiva psicogenética de Henri Wallon, que considera a pessoa em sua totalidade e compreende o desenvolvimento como processo no qual motricidade, afetividade e cognição se relacionam. Nessa abordagem, o movimento não se restringe à execução de uma habilidade física: constitui também uma forma de expressão e de relação com o meio. As experiências corporais podem, assim, ser interpretadas considerando as emoções, os vínculos, a iniciativa e a participação da criança nas situações propostas (WALLON, 1975; 1979; 2007).

Essa perspectiva é pertinente à Educação Física na Educação Infantil, pois as brincadeiras e os jogos oferecem oportunidades para explorar o corpo, o espaço, os objetos e as relações com os pares e com os adultos. Ao planejar experiências musicalizadas, o professor pode integrar desafios motores a situações de escuta, imitação, criação, cooperação e expressão. A intenção pedagógica está em criar condições para que as crianças vivenciem experiências significativas, em vez de exigir respostas uniformes ou desempenhos idênticos.

A música pode organizar a experiência em diferentes níveis: pode marcar o início e o encerramento de uma atividade, oferecer pistas rítmicas para a realização de movimentos, acompanhar narrativas imaginativas e criar oportunidades de ação compartilhada. Na Educação Infantil, as linguagens artísticas e corporais se relacionam com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na Base Nacional Comum Curricular, que valoriza o brincar, o conviver, o participar, o explorar, o expressar e o conhecer-se (BRASIL, 2018).

CamScanner

ISSN: 2358-8829

A educação inclusiva pressupõe reconhecer as diferenças como parte da vida escolar e construir condições concretas para a participação de todas as crianças. Nesse sentido, adaptar uma atividade não significa abandonar seu objetivo pedagógico, mas ampliar os caminhos para que a criança possa se relacionar com a proposta. A flexibilidade dos materiais, a previsibilidade da rotina, a possibilidade de observar antes de participar, a mediação do adulto e o respeito ao tempo individual são elementos que podem apoiar o planejamento de experiências acessíveis.

Para esta investigação, a Educação Física musicalizada é compreendida como uma proposta que articula intencionalmente música, ritmo, canções, gestos e movimento. Sua contribuição é analisada a partir das experiências observadas no contexto investigado e não como efeito automático da presença da música. As respostas das crianças são singulares e precisam ser interpretadas à luz das condições da atividade, das relações estabelecidas e das possibilidades concretas de participação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cinco intervenções pedagógicas foram desenvolvidas em julho de 2026, contemplando atividades rítmicas e expressivas, circuito motor musicalizado, brincadeiras cantadas, jogos cooperativos musicalizados e uma vivência musical integrada. A leitura dos registros permite organizar os achados em quatro eixos interpretativos articulados: participação e envolvimento; movimento e expressão corporal; interação, comunicação e vínculos; e música, previsibilidade e organização da experiência. Esses eixos não representam resultados uniformes para todas as crianças, mas dimensões que ajudam a compreender episódios situados do percurso.

Participação e envolvimento nas experiências musicalizadas

Os registros mostram que participar não significou, necessariamente, executar cada movimento conforme demonstrado ou seguir integralmente a sequência planejada. Em diferentes momentos, as crianças observaram, exploraram materiais de modo próprio, circularam pelo espaço ou se aproximaram gradualmente da atividade. Na experiência com o “Pano Encantado”, por exemplo, uma criança retornou espontaneamente ao espaço e movimentou o lenço, ainda que não reproduzisse todos os comandos da canção. Esse episódio permite considerar a iniciativa espontânea e a exploração como formas de envolvimento, evitando avaliar a participação apenas pela imitação exata.

A flexibilização pedagógica aparece, assim, como condição importante para sustentar a participação. Na brincadeira com pedrinhas, algumas crianças passaram a lançá-las ou fazê-las

CamScanner

rolar pelo chão, em vez de realizar somente a troca prevista pela cantiga. A situação exigiu conciliar o objetivo da proposta com as iniciativas infantis e com a segurança dos materiais. Em vez de interpretar automaticamente o desvio do comando como ausência de participação, a análise considera o que a criança fez, como utilizou o material e que possibilidades de mediação se abriram a partir disso.

Esse entendimento se aproxima da perspectiva inclusiva, na qual a atividade deve oferecer diferentes caminhos de acesso e participação. Também dialoga com Wallon (2007), pois a ação corporal é compreendida em relação à afetividade e ao ambiente, e não somente como desempenho motor isolado. Os registros sugerem a relevância de planejar com intencionalidade e, ao mesmo tempo, manter abertura para ajustar a condução conforme as respostas observadas.

Movimento, expressão corporal e possibilidades motoras

As intervenções apresentaram experiências diversificadas de movimento: dança e gestos com fitas e lenços, deslocamentos imaginativos, brincadeiras de imitação, circuito motor com obstáculos, saltos e lançamentos de bola, além de atividades coletivas com tecido. Essa variedade permitiu observar respostas diferentes diante das tarefas, sem estabelecer uma única medida de sucesso. Na vivência integrada, o circuito retomou desafios conhecidos, incluindo saltos e tentativas de acertar a bola em uma cesta. Os registros descrevem dificuldades de algumas crianças em ações que exigiam equilíbrio e, simultaneamente, continuidade no percurso e tentativas de realizar as tarefas.

Um episódio registrado foi a expressão de alegria de uma criança ao conseguir acertar a bola na cesta, conquista acolhida pelas professoras. A relevância pedagógica desse acontecimento não está em compará-lo ao desempenho dos colegas, mas em reconhecer a experiência de tentativa, realização e resposta afetiva associada à atividade. O episódio ilustra como os desafios motores podem ser organizados para valorizar o processo, oferecer oportunidades de repetição e reconhecer as iniciativas individuais.

As brincadeiras cantadas também articularam gestos, imitação, imaginação e deslocamento. Como as crianças utilizaram recursos verbais e não verbais para responder às propostas, a expressão corporal constituiu uma via importante de participação. À luz de Wallon (1975, 1979, 2007), o movimento pode ser interpretado como forma de relação com o meio e de expressão da criança; por isso, a análise precisa considerar tanto a ação realizada quanto o

CamScanner

contexto afetivo e relacional em que ela ocorre. Os registros, contudo, não permitem afirmar ganhos motores generalizados ou mensurar mudanças de desenvolvimento, pois o recorte é qualitativo e situado.

Interação, comunicação e construção de vínculos

As experiências coletivas criaram oportunidades para compartilhar materiais, aproximar-se dos pares e interagir com as professoras. Na brincadeira "Corre Cotia", o interesse do grupo levou à ampliação do tempo inicialmente previsto, e a participação da professora da turma, incentivando a inclusão dos colegas, contribuiu para a continuidade da brincadeira. Esse episódio evidencia que a interação não depende apenas do desenho da atividade: a mediação dos adultos, o clima do grupo e a possibilidade de prolongar uma experiência significativa também influenciam as oportunidades de participação.

Na quarta intervenção, dedicada aos jogos cooperativos musicalizados, participaram apenas as crianças D e E, pois as demais estavam ausentes por motivo de saúde. A situação da criança E foi especialmente relevante: segundo o relato da professora, ela costumava demonstrar resistência e choro diante de atividades fora do espaço habitual da sala. Durante essa vivência, a professora permaneceu próxima, incentivou a participação e ofereceu apoio. Foi observado que E permaneceu no espaço e se mostrou gradualmente mais disponível para experimentar as propostas. O episódio sugere a importância do vínculo e da mediação individual para ampliar a segurança da criança, sem permitir concluir que a mesma resposta ocorreria em todas as situações.

As atividades em duplas e em grupo, como o lençol musical e as propostas com bola, foram planejadas para favorecer coordenação conjunta, atenção compartilhada e cooperação. A análise desses momentos deve reconhecer que a interação pode assumir formas variadas: aproximação física, observação do colega, aceitação da ajuda do adulto, compartilhamento de objetos ou participação direta na ação coletiva. Tais manifestações não são equivalentes entre si, mas podem compor o quadro de possibilidades de comunicação e vínculo observado no contexto da intervenção.

Música, previsibilidade e organização da experiência

A rotina recorrente de acolhimento, desenvolvimento e encerramento, bem como a retomada da música "Olá, como vai?" em intervenções posteriores, ofereceu elementos familiares ao grupo. Na quinta intervenção, a maior familiaridade de muitas crianças com a

organização inicial — dirigindo-se e sentando-se no chão — foi registrada pela pesquisadora. Esse dado é compatível com a interpretação de que a repetição de referências conhecidas pode ajudar a organizar a experiência e antecipar sua sequência, embora não seja possível atribuir essa resposta exclusivamente à música.

A música esteve presente como elemento de organização, estímulo ao movimento, apoio às brincadeiras e acompanhamento dos momentos de relaxamento. Entretanto, sua presença não deve ser tomada como causa isolada de interesse, calma ou interação. Os episódios precisam ser compreendidos em conjunto com os materiais utilizados, a organização do espaço, as relações com os adultos e os pares, a familiaridade com as atividades e as condições de cada encontro. Essa leitura evita generalizações e reforça a necessidade de observar individualmente as respostas das crianças, inclusive possíveis sinais de desconforto sensorial.

A partir dos quatro eixos, os achados apontam para três princípios de planejamento: reconhecer diferentes modos de participação; oferecer mediação e adaptações sem perder de vista a intencionalidade pedagógica; e combinar previsibilidade com oportunidades de exploração. Esses princípios dialogam com os direitos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), especialmente conviver, brincar, participar, explorar e expressar. As categorias organizam a discussão inicial dos registros, mas devem continuar sendo aprofundadas na dissertação, distinguindo descrições observáveis de interpretações teóricas.

Como produto educacional, está prevista a elaboração de um Guia Pedagógico Interativo com orientações, planos de aula e recursos de apoio às atividades musicalizadas. Os episódios analisados podem subsidiar o guia ao evidenciar a importância de instruções claras, rotina reconhecível, diversidade de materiais, flexibilidade na execução, respeito ao tempo individual e valorização das iniciativas das crianças. O guia deverá apresentar essas estratégias como possibilidades de planejamento, e não como procedimentos que garantam respostas idênticas para todas as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência investigada reuniu cinco intervenções de Educação Física musicalizada, articulando ritmo, movimento, brincadeiras cantadas, desafios motores e jogos cooperativos com crianças com TEA na Educação Infantil. A análise inicial dos registros evidenciou diferentes formas de participação, exploração de materiais, expressão corporal e aproximação com colegas e professoras. Esses achados reforçam a importância de compreender a inclusão

CamScanner

como construção de condições para participar, e não apenas como presença física nas atividades.

Os episódios discutidos destacam a relevância da mediação docente, da previsibilidade da rotina, da flexibilidade das propostas e do respeito aos tempos e interesses individuais. A perspectiva de Wallon contribui para interpretar o movimento em articulação com afetividade e relações sociais, enquanto a BNCC oferece referências para experiências que envolvem brincar, conviver, participar, explorar e expressar. Não se afirma, contudo, que a música isoladamente tenha produzido mudanças no desenvolvimento, nem que todas as crianças tenham respondido da mesma maneira.

Como limites, trata-se de um estudo qualitativo, situado em uma turma e desenvolvido em cinco encontros, com participação variável em razão de ausências. Assim, os registros não permitem generalizações para todas as crianças com TEA. A continuidade do trabalho exige aprofundar a sistematização das quatro categorias analíticas, confrontar os registros escritos e audiovisuais autorizados e explicitar com cuidado as relações entre observação e interpretação. O Guia Pedagógico Interativo poderá transformar as aprendizagens do percurso em possibilidades de planejamento inclusivo, desde que preserve a flexibilidade necessária a cada contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física musicalizada; Transtorno do Espectro Autista; Educação Infantil; Educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Kátia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64–73, 2003.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1979.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Originalmente publicado em 1941).

CamScanner

ISSN: 2358-8829

CamScanner

ISSN: 2358-8829

CamScanner